

Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2014

O USO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Autora: Elissandra Eliza Calixto Dutra¹

Orientadora: Vera Maria Ramos Pinto²

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade apresentar o relato de uma proposta de intervenção pedagógica realizada no Colégio Maria Francisca de Souza, com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental que participaram do projeto “O Uso das Histórias em Quadrinhos na Aula de Língua Portuguesa”. A proposta de trabalho apresentada foi baseada no gênero textual HQ, como uma alternativa de enriquecer a leitura e aperfeiçoar, por meio do uso da Sequência Didática, as práticas de leitura e produção textual, visto que um dos problemas abordados constantemente na escola é com relação ao desinteresse dos alunos pela leitura, o que ocasiona dificuldades de aprendizagem e baixo desempenho em relação à compreensão dos textos. Diante desta realidade, o principal objetivo deste trabalho foi despertar no aluno o prazer pela leitura, possibilitando o desenvolvimento de competências de textos que visem torná-lo leitor e produtor competente de textos, por meio do gênero HQ, dando enfoque para o estudo das figuras de linguagem. Para alcançar os objetivos almejados, foram realizadas atividades de leitura e produção textual propostas em uma Unidade Didática, cuja sistematização do trabalho de implementação pedagógica aconteceu em forma de Sequência Didática (SD), baseada no modelo elaborado por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), cuja finalidade foi propiciar aos alunos estratégias que facilitassem o entendimento do gênero textual HQ, levando-se em consideração as experiências do educando fora do espaço escolar.

Palavras-chaves: Gênero textual. Histórias em quadrinhos. Figuras de linguagem.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem é um poderoso instrumento de expressão, de interação e comunhão entre as pessoas. Assim como a linguagem pode ser oral e escrita, a leitura vai além do universo da palavra escrita.

Koch e Elias (2006) afirmam que podemos fazer a leitura de um texto produzido em linguagem escrita, como a de um artigo de opinião; em linguagem oral, como a de um debate regrado público; em linguagem mista, como a de um

¹ Professora da Rede Estadual do Paraná. Graduada em Língua Portuguesa. Atua no Colégio Estadual Maria Francisca de Souza – EFM – Barra do Jacaré – Paraná. Docente participante do Programa de Desenvolvimento da Educação (PDE). E-mail: ecd@seed.pr.gov.br.

² Docente do curso de Graduação e Pós-Graduação do Centro de Letras, Comunicação e Artes, da Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP/Campus Jacarezinho, mestre e doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: veramaria@uenp.edu.br.

filme ou uma história em quadrinhos; em linguagem pictórica, como a de uma pintura; e assim por diante.

Sendo assim, ler bem, ou ser um leitor competente, não é apenas compreender o que está dito, mas compreender também o não dito, as entrelinhas, o implícito do texto. Leitor competente e leitor crítico é aquele que, diante de qualquer texto, verbal e não verbal, coloca-se numa postura ativa, de análise, de resposta ao texto lido. Ele não só analisa o texto, mas também os demais elementos da situação de produção: quem fala, para quem fala, em qual contexto e momento histórico, em que meio ou esfera comunicativa foi produzido.

As autoras afirmam, ainda, que saber ler não é apenas ler é sim aprender e raciocinar. Para entender o significado do texto que se está lendo, o leitor tem de elaborar uma interpretação, pois não é fácil ler um texto sem conseguir construir uma interpretação. Ler é compreender, é um processo de construção de significados sobre o texto que pretendemos compreender.

Desse modo, se o aluno ler um texto compreensivamente e aprender a partir da leitura, ele estará aprendendo a aprender. A leitura, na sua concepção, tem como finalidade aproximar as pessoas dos livros, oferecendo recursos para que possam interpretar e compreender os textos lidos, e ampliar a capacidade que possam manifestar sentimentos e opiniões.

Diante disso, a fim de melhorar o desempenho de leitura dos alunos e o desenvolvimento da capacidade de compreensão, de interpretação e produção textual, elaboramos projeto de intervenção pedagógica para ser desenvolvido nas salas de aula de 8º anos do ensino fundamental, cujo título é *O uso das histórias em quadrinhos nas aulas de língua portuguesa*.

Para tanto, organizamos as atividades por meio de uma Sequência Didática (SD), com base em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), para trabalharmos com o gênero HQ como ponto de partida para a realização de atividades de leitura, compreensão, interpretação e produção de textos, com enfoque para a abordagem e reconhecimento das figuras de linguagem nas atividades de análise linguística principalmente.

“A leitura da revista de quadrinhos é um ato de percepção intelectual” (EISNER, 1999, p.8). Assim, o gênero textual HQ foi escolhido, com enfoque para o trabalho com figuras de linguagem, pois desenvolvemos o projeto com turmas do 8º ano, em cujo conteúdo programático contempla-se este assunto, levando-se em

conta: a familiaridade dos alunos com esse tipo de gênero em língua materna; o interesse despertado em função do aspecto visual; o uso do humor como componente motivador; e as orientações das Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE), orientações essas que sugerem o conhecimento prévio dos alunos e a verificação de como está a leitura de mundo do educando.

Ademais, as HQ têm personagens e elenco fixos, narrativa sequencial em quadros, numa ordem de tempo, nos quais o fato se desenrola por meio de legendas e balões com texto pertinente à imagem de cada quadrinho. A história pode se desenvolver numa tira, numa página ou em duas ou várias páginas (revista ou álbum). Pode ser temporal, regional, política, policial, científica, social, esportiva, infantil, terror e de humor. (Sequência Didática: Uma proposta para o ensino de Língua Portuguesa nas séries iniciais, Caderno Pedagógico, v. 1, 2007).

Segundo Freire (2001), o ato de ler é, antes de tudo, um ato político. Com base na afirmação do autor, cabe a nós educadores despertarmos em nossos alunos o gosto pela leitura e pela escrita de maneira prazerosa, crítica e significativa, possibilitando assim que os mesmos possam se expressar e discutir aspectos socioculturais.

Como não é uma tarefa fácil trabalhar textos nas escolas, Marcuschi (2008), a esse respeito, assinala a importância de o professor trabalhar com o texto na sala de aula a partir da abordagem do gênero textual.

Sendo assim, por vivenciarmos essa dificuldade, constatando que a maioria dos alunos não gostam de ler e escrever, desenvolvemos projeto de intervenção pedagógica para ser aplicado nas salas de aula do 8º ano do ensino fundamental. Por meio do nosso projeto, propussemos a realização de uma Sequência Didática (SD), com base em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), tendo o gênero HQ como objeto de ensino para o desenvolvimento de atividades de leitura e escrita (com enfoque no tratamento das figuras de linguagem), em salas de aula do 8º ano do ensino fundamental.

Segundo Mesquita & Martos (2009, p.484) “as figuras de linguagem são recursos expressivos que emprestam vivacidade, que, por sua vez, conferem à frase mais elegância e graça e permitem ao leitor captar mais efetivamente a mensagem pretendida pelo autor”, tendo em vista ampliar o repertório linguístico e escrita dos alunos, então se sente a necessidade da criação de estratégias diferenciadas para alcançarmos nossos objetivos.

Sendo assim, em contato com o gênero HQ, trabalhando com os recursos expressivos gerados pelas figuras de linguagem no contexto verbal das HQ, juntamente com os recursos não verbais presentes nelas, acreditamos que o aluno poderá ter oportunidade de vivenciar o ato de ler, compreender, interpretar e produzir textos de maneira lúdica e prazerosa.

Neste artigo, então, temos como objetivo apresentar os mais relevantes resultados obtidos no Projeto de Intervenção Pedagógica realizado no ano de 2015, como proposição a partir do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Bakhtin (2003) afirma que qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual. No entanto, cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo por isso denominado gêneros do discurso.

Para o autor (2003, p.263), os gêneros do discurso se dividem em primários (simples) e em secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas e outros), os quais durante o processo de formação “incorporam e reelaboram diversos gêneros primários”, fator este que demonstra a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos.

Já Marcuschi (2003) assevera que os gêneros textuais são fenômenos históricos profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades do dia a dia. São entidades sócio discursivas e formas de ação social incontáveis em qualquer situação comunicativa.

A produção de discursos não acontece no vazio. Todo texto se organiza dentro de um determinado gênero. Podemos ainda afirmar que a noção de gêneros refere-se a “famílias” de textos que compartilham algumas características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado.

Sendo assim, denominam-se gêneros textuais, formas verbais de ação social relativamente estáveis, realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais típicas e em domínios discursivos específicos.

Martin (1985, p.250) apresenta -nos o conceito de que gêneros são a forma pela qual se faz coisas quando a linguagem é usada para realizá-las. Com influência de Bakhtin e de expressivos antropólogos, sociólogos e etnógrafos, o autor tem uma visão histórica dos gêneros e os toma como altamente vinculados com as instituições que os produzem. A atenção não se volta prioritariamente para o ensino, mas para a compreensão do funcionamento social e histórico, bem como, sua relação com o poder.

Já Bronckart (1999, p.108) define gêneros como textos que circulam em determinadas esferas de atividades humanas e que, com pequenas variações, apresentam tema, estrutura e linguagem semelhante, e cada gênero discursivo tem suas peculiaridades variáveis como a composição, a estrutura e o estilo.

Entretanto, não podem ser objetos de uma classificação definitiva, pois aparecem, reaparecem ou se modificam. A esse respeito Marcuschi (2002, p.19) assevera que os gêneros surgem emparelhados à necessidade e às atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas. Atualmente, presencia-se uma “explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade, como na escrita.”

Diante disso, encontramos nas DCE de Língua Portuguesa que “o aprimoramento da competência linguística do aluno acontecerá com maior propriedade se lhe for dado conhecer, nas práticas de leitura, escrita e oralidade, o caráter dinâmico dos gêneros discursivos” (PARANÁ, 2008, p.53).

Isto posto, Dolz e Schneuwly (2004, p. 51) afirmam que os gêneros podem ser considerados:

O instrumento de mediação de toda estratégia de ensino e o material de trabalho necessário é inesgotável, para o ensino da totalidade. A análise de suas características fornece uma primeira base de modelização instrumental para organizar as atividades de ensino que esses objetos de aprendizagem requerem.

Assim, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) propõem uma estrutura de base para a elaboração da SD, apresentada a seguir:

a) Apresentação da situação:

Uma apresentação detalhada do que se pretende desenvolver durante e no final da SD;

b) Produção Inicial:

A primeira tentativa do gênero a ser trabalhado. Com o decorrer das produções, permite ao professor avaliar as capacidades já adquiridas e ajustar as atividades previstas na SD às possibilidades e dificuldades da turma. Essa etapa permite aos alunos descobrirem o que já sabem fazer e uma conscientização de suas dificuldades;

c) Módulos

Constituem uma série de atividades trabalhadas de forma sistemática e aprofundada, que oferece aos alunos instrumentos para, gradualmente, superarem as dificuldades que apareceram na primeira produção;

d) Produção Final:

A realização de um texto final em que os alunos põem em prática os conhecimentos adquiridos nos módulos, permitindo a realização de uma avaliação somativa.

Segundo os pesquisadores, os gêneros devem ser utilizados como instrumentos de ensino-aprendizagem, que levam o desenvolvimento de capacidades de linguagem específicas. Os aprendizes utilizam três capacidades de linguagem específicas nos processos de construção do conhecimento de produção e/ou leitura de textos:

a) Capacidade de ação

É a mobilização de conhecimentos sobre o conhecimento de sentido, referindo-se aos participantes (Quem?), ao local e ao veículo (Onde?) ao tempo (Quando?), aos objetivos (Por quê?) e ao conteúdo (O quê);

b) Capacidade discursiva

É a mobilização de conhecimentos sobre a organização textual (narrativa, descritiva, descritiva de ação. Argumentativa, explicativa, dialogal), para a construção de sentido;

c) Capacidade linguística-discursiva

É a mobilização de conhecimentos sobre os aspectos formais e organizacionais do texto como a coerência, a coesão verbal e nominal, as vozes, as escolhas lexicais, a pontuação, etc, para a construção de sentido.

Assim, Marcuschi (2002, p.19), ao escrever sobre os gêneros como práticas sócio-históricas, faz algumas observações, sinalizando sua importância para ordenar

e estabilizar a comunicação diária, destacando-os como instrumentos plásticos e dinâmicos e enfatizando o aparecimento deles de acordo com a necessidade e atividade sociocultural e novidades tecnológicas.

2.1 Histórico das HQs

Segundo Lyten (1987), coreanos chamam as histórias em quadrinhos de Manhwa; esse termo passou a ser utilizado a partir da década de 1920, em consequência da influência do Japão (mangá) e da China. No entanto, não podemos esquecer que foi na Coreia que tivemos os primeiros exemplos de impressão tipográfica no século VIII e o primeiro exemplo de arte sequencial no século X.

As primeiras HQs e cartuns modernos, isto é, veiculados nos meios de comunicação de massa, surgiram no final do século XIX. Luyten afirma que, na Coreia, o quadrinista pioneiro foi Lee Do –Yeong, em 1909, com seus desenhos intitulados Saphwa, publicados no jornal Daehanminbo. No ano seguinte, essa publicação foi fechada por ordem do governo colonial japonês e, com isso, as edições legitimamente coreanas foram interrompidas até o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945.

A primeira década do pós-guerra (1945-1954) trouxe os chamados anos dourados das revistas em quadrinhos. As HQs cresceram das tirinhas de jornais, mas a maior parte perdeu seu aspecto de humor; os enredos consistiam mais em histórias de guerra, histórias de detetive, faroestes e super-heróis. Embora nos EUA já houvesse revistas em quadrinhos desde 1930, elas alcançaram o auge da popularidade durante a Segunda Guerra Mundial e se mantiveram por quase uma década depois da guerra acabar.

Revistas em quadrinhos pregavam o patriotismo, ainda mais depois que os russos também desenvolveram a bomba atômica. Nesse tempo de guerra, quadrinhos apresentavam militares americanos e seus inimigos sempre bem equipados com poderosas armas atômicas, que variavam de bombas e rifles. Quando os EUA usavam seu poder atômico, liquidavam sempre seus inimigos, e quando eram expostas a explosões atômicas, estas pareciam estranhamente ineficientes.

HQs deram ainda ao público americano os heróis e a esperança que eles procuravam no começo da Guerra Fria, mas esse sentido foi atingida em cheio pelo realismo da guerra da Coréia (1950 –1953). Durante a Segunda Guerra Mundial, as HQs, eram ainda em preto e branco, e isso era como uma metáfora do confronto entre o bem e o mal.

Durante a década de 1980, surgiu um baque sofrido pela indústria dos Manhwa da Coréia, que transferiu o mercado e a criação dos quadrinhos para as telas dos computadores e explodiram com tiragens de centenas de milhares de cópias.

Em 2002, Chugkang College of Cultural Industries, uma instituição ligada às artes e com exposições permanentes baseadas em quadrinhos de caricatura, quadrinhos e movimento e quadrinhos e emoção.

2.2 A Linguagem dos Quadrinhos

Os quadrinhos possuem uma linguagem específica, mas costumam estar associados a charges, cartuns e caricaturas. Embora todas estas formas de representação gráfica possuam semelhanças, compreendemos os quadrinhos como uma linguagem repleta de especificidades estruturais. Eisner (1995) nos fornece dados que possibilitam uma melhor compreensão acerca da estética desse meio comunicacional ou artístico. Para ele, o principal elemento que caracteriza a linguagem dos quadrinhos é a arte sequencial, ou seja, o fato de que os quadrinhos devem ser compreendidos na continuidade das imagens.

Eisner, afirma que a função fundamental da arte dos quadrinhos (tira ou revista):

[...], é comunicar ideias e/ou histórias por meio de palavras e figuras, envolve o movimento de certas imagens (tais como pessoas e coisas) no espaço. Para lidar com a captura ou encapsulamento desses eventos no fluxo da narrativa, eles devem ser decompostos em segmentos sequenciados. Esses segmentos são chamados quadrinhos. Eles não correspondem exatamente aos quadros cinematográficos. São parte do processo criativo, mais do que um resultado da tecnologia. (EISNER , 1995, p.38).

2.3 História em Quadrinhos no Brasil

Quem fez a primeira história em quadrinhos no Brasil foi Angelo Agostini. Ele iniciou a tradição de colocar os quadrinhos no jornal e criou o personagem Zé Caipora. Agostini introduziu desenhos com sátiras políticas e sociais (charges) nos jornais brasileiros. Entre seus personagens estavam Zé Caipora e Nhô-Quin. Em 1905 surgiu a revista “O Tico Tico”, considerada a primeira revista em quadrinhos no Brasil.

Em 1939, foi lançada a revista O Gibi, nome que se tornaria sinônimo de revista em quadrinhos no Brasil. Também foram lançadas as primeiras histórias em quadrinhos do Mickey Mouse nas páginas de Tico-Tico. Em 1942 surgiu o Amigo da Onça, célebre personagem que na revista jornalística O Cruzeiro.

Nos anos de 1950, novos quadrinistas brasileiros que apareciam não conseguiam trabalhar com personagens próprios por resistências dos editores. Em 1952, a Editora Abril adotou o publicações brasileiras de histórias em quadrinhos. Em 1960, uma revista em quadrinhos com personagens e temas brasileiros. As ilustrações de Ziraldo, o personagem principal era um saci e não raro suas aventuras tinham um fundo ecológico ou educacional.

O cartunista Henfil continuou com a tradição da “tira” com seus personagens contestadores Graúna e Os Fradinhos. Os quadrinhos de super-heróis tiveram vários personagens brasileiros lançados em revista nessa época: Capitão 7 (mistura de Flash Gordon com Super-homem), Escorpião (Cópia do Fantasma) e Raio Negro (baseada no Lanterna Verde da Era de Prata com o visual do Cíclope do X-Men).

Com o golpe militar, houve uma nova onda de moralismo que bateu de frente com os quadrinhos. Em compensação, esse movimento inspirou publicações jornalísticas cheias de charges como Pasquim que, embora perseguido pela censura, criticavam a ditadura incansavelmente.

No Brasil, em consonância com Vergueiro, as histórias em quadrinhos, até a virada do último século, eram interpretadas como leitura de lazer e, por isso, superficial e distanciado do conteúdo para a realidade do aluno. Para tal, dois argumentos eram muito utilizados: geravam “preguiça mental” nos alunos e os afastavam da chamada “boa leitura”. (VERGUEIRO e RAMA, 2009, p.9).

Argumentos estes desprovidos de embasamento científico, os quais demonstravam um desconhecimento acerca da área (HQ). Logo, diante de tal posicionamento, era inviável o uso dos quadrinhos em sala de aula. Atualmente, é perceptível uma mudança de posicionamento com relação aos quadrinhos, através do reconhecimento e da inserção desse gênero na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBNE), no Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) (apud VERGUEIRO e RAMA, 2009) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's).

Nos PCN's, por exemplo, as histórias em quadrinhos encontram-se inseridas nos gêneros discursivos "adequados para o trabalho com a linguagem escrita" (1998, p.128) e são vistas como fontes históricas e de/para pesquisas sociológicas, caracterizadas como dispositivos visuais gráficos que veiculam e discutem aspectos da realidade social, apresentando-a de forma crítica e com muito humor.

No fim da década de 1990 e começo do século XXI, surgiram na internet diversas histórias em quadrinhos brasileiras. Em 2005, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro realizou a exposição de todas as revistas de Tico-Tico, comemorando os 100 anos de surgimento da revista.

3. ESTRATÉGIA DE AÇÃO

O projeto de Intervenção Pedagógica foi desenvolvido com alunos do 8º ano do ensino fundamental, do Colégio Estadual Maria Francisca de Souza, localizado no município da Barra do Jacaré.

A implementação do projeto deu-se por meio de uma Sequência Didática, com base em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), realizada em várias etapas.

Antes de iniciarmos as atividades em sala de aula com os alunos, houve a apresentação do projeto à comunidade escolar e também ao Núcleo Regional de Jacarezinho.

Depois, logo no início do ano letivo, o projeto foi apresentado aos alunos que seriam o público-alvo, ou seja, que participariam das atividades desenvolvidas no decorrer da implementação. Assim que os alunos ficaram cientes da participação deles no projeto, as atividades foram iniciadas.

Após a apresentação do projeto aos alunos, iniciamos as atividades com uma conversa sobre as HQs. Foi realizado um diagnóstico para saber o que os alunos conheciam sobre o gênero que iriam estudar.

Em sala de aula, aconteceu uma “roda de conversa”, um momento privilegiado para o aprendizado dos alunos, pois eles passaram a entender que existe uma razão para aquele encontro em “roda”, que existe um assunto em pauta a ser discutido/conversado.

A história em quadrinhos (HQ) geralmente está associada às linguagens verbal e visual, envolvendo elementos como personagens, tempo, espaço e acontecimentos organizados em sequência, numa relação de causa e efeito.

Assim, iniciamos as etapas da SD:

1ª Etapa: Apresentação da Situação

Nessa etapa, os alunos tiveram conhecimento do projeto coletivo de produção de um texto do gênero HQ, bem como todas as características do referido gênero, condições de produção, onde circula finalidade, etc. Realizamos as atividades de reconhecimento do gênero, do conhecimento prévio que os alunos tinham sobre o gênero.

Apresentamos várias HQ, de diferentes autores, como também a sua estrutura composicional, estilo e, depois, então, foram realizadas atividades de leitura, compreensão, interpretação das HQ, como também atividades que envolveram o ensino das figuras de linguagem por meio das HQ.

As figuras que mais trabalhamos foram comparação ou símile, metáfora, metonímia, hipérbole, prosopopeia ou personificação, eufemismo, aliteração e a onomatopeia, pois estas figuras estão no livro didático *Português Linguagens*, de William Roberto Cereja (8º ano/ 2011) adotado pela escola.

Assim, aproveitamos para trabalhar essas figuras, também, no gênero textual HQ e fizemos com que eles reconhecessem os recursos expressivos e os efeitos de sentidos dessas figuras para além do livro didático.

2ª Etapa: Produção Inicial

Nessa etapa, foi apresentado o vídeo *Kauan e a lenda das águas* e solicitado aos alunos que fizessem um roteiro do que assistiram e, em seguida, criassem uma história em quadrinhos sobre a mensagem transmitida no vídeo.

Esta foi a produção inicial e teve como objetivo diagnosticar e definir problemas pontuais, como pontuação, ortografia, acentuação, estrutura do gênero textual, concordância, regência. E isso exigiu a intervenção do professor por meio de módulos, que atenderam às reais necessidades dos alunos.

Módulos

Nos módulos foram trabalhados os problemas formais detectados durante a produção inicial como: as escolhas lexicais, a sintaxe da frase, pontuação, ortografia, dentre outros, conforme já mencionamos.

Tudo isso foi feito por meio de atividades variadas de produção; análise de textos; análise linguística; atividades de leitura oralidade e escrita, sem contudo perder o foco da apropriação do gênero em questão.

O aprendizado foi registrado por mim professora, por meio de uma lista de constatações que serviram para que eu pudesse observar e avaliar as dificuldades trabalhadas nos módulos e as que foram superadas pelos alunos.

3ª Etapa: Produção Final

Para concluir e avaliar as atividades realizadas, foram postadas a produção final com o propósito de possibilitar que os alunos pudessem transpor as capacidades desenvolvidas nos módulos. As HQ, produzidas pelos alunos, passaram por refacções e reescritas, sendo, nesse momento, avaliado se o trabalho com as questões mais formais tiveram resultado satisfatório.

Depois dessa fase, o processo de interação comunicativa se completou. Cada aluno teve a sua melhor HQ escolhida para compor um livro, em forma de gibi, que ficou exposto na sala de aula. Os alunos das outras salas foram convidados para visita.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ao utilizar as Histórias em Quadrinhos (HQ) nas aulas de Língua Portuguesa, gênero textual que congrega o verbal e o não verbal, a palavra e a imagem, tivemos como intuito tornar as aulas mais atraentes e despertar a atenção dos alunos para a leitura dos textos. Eles tiveram que ler não somente o que estava escrito, mas também tiveram que fazer a leitura de imagens, de todos os outros recursos gráficos expostos nas HQ para chegar ao sentido do texto.

Desse modo, podemos considerar o gênero textual HQ como uma ferramenta eficaz para o trabalho com vários conteúdos de Língua Portuguesa, pois abrange aspectos riquíssimos da linguagem, como o coloquialismo, as imagens, o texto verbal, o texto visual que demonstra os comportamentos através dos gestos, de recursos gráficos, de imitações sonoras (onomatopeias), ficando as mensagens subentendidas nos diálogos, aspectos que o autor da HQ se apropria para instigar a imaginação do leitor.

Vale mencionarmos que o uso dos quadrinhos ocorreu paralelamente com o uso do livro didático, assim acreditamos que o uso de HQ na escola pode proporcionar não só o interesse pela leitura, mas também o aprimoramento da leitura crítica. Uma das formas de se alcançar isso é por meio do conhecimento das ideologias presentes na composição dos super-heróis dos gibis, o que pode despertar nos estudantes a curiosidade de conhecer o texto por trás de outro texto em outros gêneros.

Em um contexto escolar de não-leitores, a abordagem didática em torno das ideologias presentes nas HQs é um dos instrumentos de incentivo à prática da leitura crítica.

Dessa forma, após analisarmos o desenvolvimento e as nuances das HQ, percebemos a eficiência da sua narrativa para transmitir conteúdos da Língua Portuguesa, gramaticais, semânticos, pragmáticos. Por isso é necessário que os professores conscientizem-se de que gibi não é coisa só de criança e que suas histórias e personagens não são inocentes. O uso da HQ como recurso didático pode contribuir, significativamente, para o êxito da aula.

Conteúdos como figuras de linguagem podem ser bem trabalhados por meio de HQ, pois esse gênero textual explora muitos recursos expressivos da linguagem,

principalmente, para a construção do humor e para a imitação dos sons (onomatopeias).

Sendo assim, posso dizer que o desenvolvimento da SD com a HQ na sala de aula foi muito proveitoso por ser um gênero que apresenta características bem simples, trazendo um resultado muito positivo em termos de aprendizagem de leitura. É de fácil compreensão e prende a atenção dos alunos. É atraente, com uma linguagem acessível, mas com condições de provocar uma reflexão sobre o mundo.

No entanto, as HQ nem sempre foram bem vistas por educadores e críticos. Pensava-se que, por apresentar uma leitura rápida e lúdica, não se conseguiria uma aprendizagem efetiva sobre a leitura.

O trabalho com as Histórias em Quadrinhos, para mim, foi muito prazeroso, pois a maioria dos educandos transformaram a leitura dos Clássicos, vista por muitos deles como algo longo, enjoativo e cansativo, em uma brincadeira criativa, pois eles recriam os personagens, em forma de HQ, de acordo com a descrição feita nas leituras.

Desse modo, como devemos desenvolver o gosto pela leitura, mostrando que há vários caminhos e outras formas de recontar o que se leu, foi nas HQ que consegui atingir os objetivos propostos. Juntamente com as histórias propriamente ditas, veio a parte artística, e os meus alunos demonstraram a criatividade diante do livro escolhido, reproduzindo o que leram, evitando, com isso, o descontentamento pela leitura.

Antigamente os escritores classificavam as HQs como uma literatura de baixa qualidade, sem comprometimento e utilizada somente para lazer. Acreditavam que este meio de comunicação de massa era uma forma de corrupção e delinquência juvenis, que havia ideias subversivas por trás dos quadrinhos.

Felizmente, hoje, o conceito mudou e as HQs têm sido reconhecidas, não somente como entretenimento, mas também como transmissão de conhecimentos e uma ferramenta educacional muito eficiente.

Vale mencionarmos, aqui, que, durante a implementação do projeto, fazíamos, também atividades do Grupo de Trabalho em Rede (GTR), que constitui uma das atividades do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) e que se caracteriza pela interação à distância entre o professor PDE e os demais professores da rede pública estadual de ensino.

Desse modo, as contribuições dos professores participantes do GTR (2015) foram significativas e muito pertinentes acerca da nossa Produção Didática Pedagógica, uma vez que foram postados comentários muito relevantes para o desenvolvimento das atividades, contribuindo, significativamente, para aprimoramos a nossa SD.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as atividades nos dois anos de formação no Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), pude refletir sobre os conhecimentos teóricos os quais embasaram minha pesquisa no Ensino da Língua Portuguesa.

Durante a implementação, os alunos tiveram oportunidade com trocas de experiências, conhecimentos através de momentos reflexivos associando a teoria e prática, por meio de leitura, pesquisa, produção de texto e exposição das atividades produzidas.

Por meio desse trabalho, constatei que as HQ possuem riquezas de detalhes. A linguagem clara e objetiva, desse gênero textual, possibilita, até mesmo que quem não tenha um conhecimento aprofundado do assunto, possa compreender a história e, conseqüentemente, suscitar o interesse por outros tipos de leituras complementares, livros didáticos, jornais revistas e internet etc.

Sendo assim, constatei que os conhecimentos que adquiri serviram para subsidiar minha prática docente sob a orientação dos tutores da IES que nos auxiliaram com sabedoria.

Ademais, com a participação dos professores da rede pública no GTR, percebi a necessidade de o professor adaptar-se à realidade existente no ambiente escolar, cujas HQs não somente facilitam a aprendizagem, mas podem ser uma aliada importante no cotidiano escolar, adequando sempre que necessário à realidade dos alunos, permitindo que se tornem alunos críticos e reflexivos no ambiente em que estão inseridos.

6. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso. Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1987, p.261-305

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 4ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. 1998.
Parâmetros Curriculares Nacionais.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BRONCKART, Jean Paul. **Atividades de Linguagem, textos e discurso: por um interacionismo sociodiscursivo.** São Paulo: EDUC, 1999.

CIRNE, Moacyr. **Para ler os quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada.** 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michéle; SCHENEWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento.** In: DOLZ, Joaquim; SCHENEWLY, Bernard. Gêneros orais e escritos na escola. Tradução Roxane Rojo; Gláís Sales Cordeiro. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2004.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **Quadrinhos e arte sequencial.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis.** UNESP, 2001, 2001 a. Coleção Educação e Mudança vol. 19ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

KOCH, Ingedore Vilaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** São Paulo: Cortez, 2006.

_____; **Ler e escrever. Estratégias de produção textual.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LYUTEN, Sonia Maria Bibe. **O que é Histórias em Quadrinhos.** São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987, 2ª edição.

MARTIN, J.R. O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. In: M.B.FORTKAMP & L.M.TOMITCH. **Aspectos da linguística aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Bohn**. Florianópolis: Insular, 2000, p. 149-166.

MACHADO, Anna Raquel. **Entrevista com Yves Clot. Psicologia da Educação**. São Paulo, 20, p. 155-160, 1º semestre de 2005.

MARCUSHI, Luiz Antônio: **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: Gêneros textuais & ensino. DIONISIO, Â. P.; MACHADO, A.R. e BEZERRA, M.A. (orgs.). 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, L.A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In; Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucena, 2003, p. 20-36.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática Pedagógica**, 30 ed. Vol. Único, São Paulo: Saraiva, 2009.

PARANÁ. Secretaria de Educação do Estado do Paraná. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica. Língua Portuguesa**. Paraná: SEED, 2008.

RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. (org.) **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.

RAMOS, Paulo. **A Leitura dos Quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ, Joaquim e Colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro: **As Histórias em Quadrinhos e seus gêneros**. Disponível: <<http://www.omelete.com.br/quadrinhos/artigos.asp>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

_____. **A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária**. In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **A linguagem dos quadrinhos uma —alfabetização II necessária**. In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. 3. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Os quadrinhos (oficialmente) na escola:** dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, W.; RAMOS, Paulo. (orgs.). Quadrinhos na educação. São Paulo: Contexto, 2009.